

# POEMAS COM CINEMA

*antologia organizada por*

JOANA MATOS FRIAS  
LUÍS MIGUEL QUEIRÓS  
ROSA MARIA MARTELO

# POEMAS COM CINEMA

organizada por  
JOANA MATOS FRIAS  
LUÍS MIGUEL QUEIRÓS  
ROSA MARIA MARTELO

© ASSÍRIO & ALVIM, 2010

RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA

textos © AUTORES ou HERDEIROS DOS AUTORES

organização © JOANA MATOS FRIAS, LUÍS MIGUEL QUEIRÓS E ROSA MARIA MARTELO

NA CAPA: FOTOGRAMA DO FILME *VAMPYR*, DE CARL TH. DREYER, FRANÇA/ALEMANHA, 1932

EDIÇÃO 1399, NOVEMBRO 2010

ISBN 978-972-37-1507-1

## SUMÁRIO

<i>Antes do Filme</i> . . . . .	9
No Cinema . . . . .	17
Depois do Filme. . . . .	43
Homenagens . . . . .	85
Onde o Cinema se Insinua . . . . .	125
Filmagens . . . . .	157



Talvez a melhor justificação para esta antologia esteja no modo como os poemas agora reunidos ilustram diferentes formas de diálogo da poesia portuguesa dos séculos XX e XXI com o cinema. A amplitude do *corpus* poético aqui apresentado e a diversidade das poéticas nele envolvidas comprovam que o cinema tem merecido uma atenção continuada por parte dos poetas portugueses. Foi a esta cumplicidade que procurámos dar relevo.

Reunimos 92 poemas (de 53 autores), seis dos quais já tinham integrado, em 1986, *O Bosque Sagrado — O Cinema na Poesia*, antologia na qual Jorge Sousa Braga, António Ferreira e Álvaro Magalhães acolheram autores portugueses e estrangeiros. Na presente recolha, o poema mais antigo é de 1930 e os mais recentes são de 2010; no entanto, não seguimos uma orientação cronológica, tal como não procurámos uma representação equitativa da poesia de diferentes épocas nem nos norteámos por ambições de exaustividade. Poderíamos ter reunido um conjunto de textos substancialmente mais alargado, tanto mais que as obras de alguns dos poetas antologados evidenciam uma presença muito forte do cinema. Mas, em lugar de privilegiar a quantidade, o que facilmente nos conduziria a um *corpus* difícil de apreender no seu conjunto, preferimos dar legibilidade às linhas que nos parecem mais estruturantes no diálogo da poesia portuguesa com o cinema. Acima de tudo, quisemos tornar

acessível um conjunto orgânico de textos, no qual os poemas pudessem ser lidos não apenas por si mesmos, mas também em função de linhas temáticas e discursivas. De uma antologia espera-se que permita confrontar ou aproximar diferentes autores, diferentes linguagens, tempos de escrita diferentes, e estas são formas de leitura que tentámos proporcionar, abrindo alguns caminhos que o leitor facilmente poderá expandir ou reorganizar de acordo com os seus interesses.

Não podemos deixar de assinalar a ausência de poemas de autores ligados ao primeiro momento modernista português e a relativa escassez de textos da autoria de poetas presencistas. Malgrado a relação de contemporaneidade cronológica entre o desenvolvimento da arte cinematográfica e a eclosão dos movimentos vanguardistas das primeiras décadas do século XX, a sétima arte teve um impacto residual na criação poética dos escritores de *Orpheu*. Mesmo quando esse choque produziu resultados na criação artística e no ensaísmo, como aconteceu com Almada Negreiros, ou, no domínio do argumentismo, com Fernando Pessoa, as obras poéticas não foram explicitamente afectadas pelo discurso e pelos motivos fílmicos. O que não exclui a presença ocasional de vocabulário do campo cinematográfico, detectável, por exemplo, em alguns versos de «Segunda manhã», de Almada, que aqui nos servem de epígrafe à secção «Homenagens», ou ainda em raras passagens de Álvaro de Campos («A cinematografia das horas representadas», «Eu o abstracto, eu o projectado no écran», «Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo pequeno») e de Bernardo Soares («o sonho tem grandes cinemas», «Se eu fosse actor prolongado de cinema»).

O caso da *presença* é mais complexo, e também mais intrigante, tendo em conta que boa parte dos presencistas colaborou em publicações relacionadas com o cinema e que duas figuras centrais da revista —

José Régio e Adolfo Casais Monteiro — desenvolveram uma rigorosa e sistemática reflexão crítica em torno da produção cinematográfica nacional e estrangeira. Todavia, descontados alguns poemas de Edmundo de Bettencourt, José Gomes Ferreira e António Botto, o rasto que esse interesse deixou na lírica da *presença* resume-se a pouco mais do que uma série de referências avulsas a um mero entretenimento das tardes de domingo.

Sendo as relações da poesia com o cinema menos evidentes do que aquelas que aproximam a narrativa literária da narrativa cinematográfica, e também menos estudadas, talvez esta antologia possa contribuir para dar maior visibilidade a um diálogo certamente muito mais profícuo do que à primeira vista pode parecer. A poesia moderna e contemporânea tem sido, embora no terreno que lhe é próprio, uma arte da imagem e da montagem — ou então uma arte que, apesar de predominantemente lírica, não exclui a narratividade. Mesmo se a palavra *imagem* traduz universos conceptuais e técnicos diferentes em cada uma das duas artes, mesmo se a sintaxe entre as imagens se faz de forma diferente, mesmo se é diferente o modo de narrar ou de articular expressão e imagem — e não sendo da mesma ordem a visualidade que o cinema e a poesia podem proporcionar —, o fascínio pela imagem, a importância atribuída à relação entre as imagens e ao seu poder evocativo justificam a cumplicidade tantas vezes evidenciada nos poemas agora reunidos. Por outro lado, importará observar que, mesmo quando a poesia não se aproxima do cinema em função da imagem e da montagem, pode ainda procurá-lo por razões de ordem temática, ou porque a narrativa fílmica lhe abre novos caminhos no que respeita ao cruzamento entre lirismo e narratividade.

Uma antologia de *poemas com cinema* só podia começar no lugar onde a cinefilia começa: a sala de cinema. Assim, na primeira secção — «No Cinema» —, tentámos reunir um conjunto de poemas no qual a experiência do espectador surge em modulações variadas. «Cinemas», de Herberto Helder, introduz as grandes razões do fascínio pela sala escura, e os textos que a este se seguem modulam esse fascínio, por vezes através da evocação de situações vivenciais que o leitor facilmente poderá reconhecer. A secção que a esta se segue — «Depois do Filme» — foi concebida de maneira a ilustrar a tematização de filmes específicos, ou de determinados géneros, enquanto a terceira parte da antologia — «Homenagens» — reúne poemas nos quais a celebração do cinema se divide por cineastas, actores e personagens. Se em todas estas secções as relações temáticas com o cinema são dominantes, já a secção «Onde o Cinema se Insinua» pretende pôr em evidência formas de diálogo muito mais indirectas: os diferentes níveis de apreensão do universo fílmico, as técnicas de produção da imagem cinematográfica e operações como as que dizem respeito aos movimentos de câmara traduzem-se num olhar inovador, notoriamente aprendido com o cinema, e num vocabulário específico que proporciona formas de renovação do discurso poético. Por fim, a última secção da antologia — «Filmagens» — reúne textos nos quais a presença do cinema surge através de processos ecrásticos ou é associada a formas de transposição discursiva pelas quais o próprio poema se concebe como «filme».

Na organização das secções do livro, nem sempre a distribuição dos poemas foi feita sem hesitações. Há, naturalmente, textos que poderiam

ter sido integrados em mais do que uma secção, e outros que talvez não encaixem perfeitamente em nenhuma. O trabalho de montagem nunca é fácil. E é quase sempre decisivo. Esperamos que tenha resultado e que apreciem o filme.

NO CINEMA